

# ENTREVISTA COM MAYUZUMI MADOKA

## INTERVIEW WITH MAYUZUMI MADOKA

*Débora Fernandes Tavares<sup>1</sup>*

*Neide Hissae Nagae<sup>2</sup>*

*Nicholas Brendon Lemos Viana<sup>3</sup>*

**Resumo:** Apresentamos a seguir entrevista realizada com a haicaísta japonesa Mayuzumi Madoka (Kanagawa, 1962~). Sua trajetória de escrita do *haiku* vai além dos habituais caminhos literários, uma vez que inclui cerca de 2.700 quilômetros de peregrinações que a autora realizou em diferentes locais: Santiago de Compostela, Busan, Seul e Shikoku. A haicaísta compreende essas longas jornadas como momentos importantes de contemplação e de percepção da natureza e da vida, condições essenciais para a escrita do *haiku*. Autora de diversos livros, em 2002 Mayuzumi recebeu o “Prêmio Literário Yamamoto Kenkichi” pela obra “Kyoto no Koi”. Diante da pandemia do Coronavírus, em 2020, criou o projeto “Kyoto x Haiku”, objetivando a integração de diversos povos através da escrita poética. O projeto ainda hoje conta com a participação de haicaístas de diversos países. Em 2021, participou de um evento *online* onde realizou uma palestra sobre *haiku* dirigida ao público brasileiro em geral e obteve contato com poemas compostos por haicaístas de diversas

- 
- 1 Mestre em Letras no Programa de Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil. ORCID: (<https://orcid.org/0000-0002-2095-7227>). E-mail para contato: [deborafernandestavares@gmail.com](mailto:deborafernandestavares@gmail.com)
  - 2 Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP, docente e pesquisadora do Curso de Graduação em Língua e Literatura Japonesa e do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais – FFLCH/USP. Desenvolve trabalhos nas áreas de Língua e Literatura Japonesa Clássica e Moderna, tradução e pensamento japonês. ORCID:(<https://orcid.org/0000-0002-6877-1261>). E-mail para contato: [neidenagae@usp.br](mailto:neidenagae@usp.br)
  - 3 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Universidade de São Paulo e Graduado no curso de Bacharelado em Teologia, pela Faculdade Messiânica. Atua como tradutor na Igreja Messiânica Mundial do Brasil. ORCID: (<https://orcid.org/0000-0001-7076-184X>). E-mail para contato: [nblv13@hotmail.com](mailto:nblv13@hotmail.com)

regiões do Brasil. Mayuzumi Madoka é atualmente presidente da “World Online Haiku Association”.

**Palavras-chave:** Haiku, Haikai, Mayuzumi Madoka.

**Abstract:** Below is an interview with the Japanese haiku artist Mayuzumi Madoka (Kanagawa, 1962~). Her *haiku* trajectory goes beyond the usual literary modes as it includes about 2,700 miles on peregrinations made by the author to different locations: Santiago de Compostela, Busan, Seoul and Shikoku. She considers peregrinations as important moments of life and nature contemplation and perception and also considers it essential to the *haiku* production. Mayuzumi has published several books and got the “Yamamoto Kenkichi Literary Award” for the book “Kyoto no Koi”. In 2020, during the Coronavirus pandemic, she created the project “Kyoto x Haiku”, aiming the integration of different peoples through the poetic writing. The project still counts with the participation of *haiku* composers from different countries. In 2021, she participated on an online event and spoke about *haiku* for the Brazilian people. She also got to know many Brazilian haikai written by poets from all over the country. Mayuzumi Madoka is currently the president of the “World Online Haiku Association”.

**Keywords:** Haiku; Haikai; Mayuzumi Madoka.

## 1. Quando e como se deu o seu primeiro contato com o *haiku*?

No Japão, nas aulas de língua japonesa do Ensino Fundamental e Médio, infalivelmente estuda-se *haiku*. Eu tive contato com o *haiku* por meio de livros didáticos quando era estudante, mas na época considerei aquele estudo como sendo apenas mais um conteúdo dentro da educação clássica e não dei tanta importância.

Somente na idade adulta, após ler uma biografia crítica sobre Sugita Hisajo, haicaísta nascida na era Meiji (1868 – 1912), deparei-me com o *haiku* de maneira consciente e senti vontade de compô-lo. Hisajo tinha um talento excepcional como haicaísta e por essa razão dedicou sua vida à escrita, mesmo passando por infortúnios.

Mesmo sendo a forma de literatura mais curta do mundo, há no *haiku* um poder oculto de transformar a vida das pessoas... Meu interesse pelo *haiku* nasceu assim.

Meu pai, Mayuzumi Shû (1930-2020), também foi um haicaísta profissional representativo dentro do *haiku* contemporâneo. Dessa forma, naturalmente também recebi sua influência.

## 2. De maneira semelhante a Matsuo Bashô, você caminhou milhares de quilômetros apreciando a natureza e as quatro estações em diversos países. Poderia contar-nos sobre essa experiência?

Eu acredito que a caminhada nos propicia uma perspectiva de mundo muito importante. Antigamente, os haicaístas compunham ao caminhar, poderíamos até dizer que caminhar era um ato poético.

O ritmo criado pela caminhada afasta nossa mente do momento presente e nos dirige ao longínquo passado, nos transfere de um mundo visível a um invisível e de um nível superficial para um nível mais profundo de consciência.

Isso não se limita ao Japão. Na antiga Grécia existiram os filósofos da Escola Peripatética que tinham suas ideias enquanto caminhavam por estoas<sup>4</sup>. Na Inglaterra, os “Poetas dos Lagos” compunham poesia enquanto passeavam pelas margens de lagos. Assim, observamos que há uma relação profunda entre o “caminhar” e o “pensar”. Os pensamentos que surgem enquanto andamos diferem daqueles que vêm à nossa mente no cotidiano. Isso possibilita o surgimento de palavras e até mesmo de uma harmonia peculiar.

Caminhar em meio à natureza por um longo período faz com que as “antenas” dos nossos cinco sentidos se ativem e nos tornemos aptos a “captar” os sinais mais sutis, em um nível que não percebemos normalmente. Dessa forma, quando uma borboleta passa em frente aos nossos olhos, quando ouvimos o som das ondas ou sentimos a fragrância de uma flor, tudo isso torna-se uma espécie de gatilho e acessamos a recordação de algo há muito esquecido ou, ainda, revela-se para nós o que está oculto por detrás da paisagem que admiramos.

A natureza é como um *yorishiro*<sup>5</sup> e conecta-se com o mundo invisível. O fragmento de uma memória, o invisível, a paisagem à frente de nossos olhos, a sensação do vento e o aroma das flores refletem-se de maneira difusa e tornam-se *haiku*. Por essa razão, acredito que, para compor o *haiku*, ou mesmo para a interpretação dos clássicos, o ato de caminhar é muito importante.

### **3. A natureza se apresenta de forma diferente nos diversos países e isso faz com que cada lugar tenha seus próprios *kigo*. Você acredita que ainda assim seja possível manter as características do *haiku* tradicional japonês?**

Certamente. O *haiku* é a poesia que celebra a natureza. Toda nação tem sua natureza particular e seu povo vive agraciado por suas bênçãos. É justamente das peculiaridades dessa natureza que nasce a poesia. O Brasil tem sua própria natureza e é certo que diversos dos seus valores e aspectos culturais e filosóficos devem-se a ela.

No Japão existem os *sajiki*<sup>6</sup>, mas esses são compilados centralizados em Quioto. Por essa razão, é comum que em regiões como Hokkaido e Okinawa as estações do ano

---

4 Estoa: estilo arquitetônico de corredor ou pórtico coberto de uso comum da Grécia antiga.

5 No xintoísmo o *yorishiro* é um objeto que serve como forma material para assentamento e manifestação dos *kami* (deuses).

6 *Sajiki* é uma publicação onde consta uma lista de *kigo* (termos sazonais) utilizados na composição do *haiku* e do *haikai* e em outras formas poéticas. O *sajiki* geralmente inclui uma descrição do próprio *kigo*, bem como uma lista de palavras semelhantes ou relacionadas e alguns exemplos de *haiku* que incluem esse *kigo*.

e os *kigo* indicados nos *saijiki* não coincidam, pois há diferenças quanto à vegetação e outros fatores. Quando estendemos o assunto a outros países, essas diferenças são muito maiores e surgem ainda mais *kigo* diferentes daqueles do Japão. Eu penso que seria muito positivo se diferentes locais criassem o próprio *saijiki* e compusessem usando *kigo* característicos de suas estações.

**4. Você já disse que “o *haiku* é a literatura do silêncio”. No Japão, é natural que conceitos como “vazio” e “silêncio” sejam elementos presentes nas artes em geral. Em países como o Brasil, no entanto, esses conceitos não são comuns. Considerando esse ponto, na sua opinião, os haicais produzidos por haicaiístas brasileiros seriam diferentes dos *haiku* tradicional japonês?**

Recentemente, no Japão, tudo tem se tornado mais ruidoso. Há um número exagerado de anúncios, folhetos explicativos, embalagens e existe um sentimento de busca de que tudo se torne mais prático, mais rápido, mais confortável e abundante; o desenvolvimento econômico fica em primeiro lugar e avançamos desejando cada vez mais.

O resultado é que o mundo tornou-se abarrotado e excessivo. Os valores originais do povo japonês de “satisfazer-se com o suficiente” e a cultura do “menos” estão se perdendo. Acredito que não somente o povo japonês, mas também o povo brasileiro precisem retornar a essa cultura do “menos”.

Para compor *haiku*, penso que seja importante valorizar o “espaço vazio” [*yohaku*]. Para este fim, é preciso respeitar a forma [*kata*] do *haiku*. A abundância presente no espaço vazio supera em muito aquela presente nas palavras. Trata-se de algo muito profundo, que eu espero que os brasileiros possam conhecer por meio do *haiku*, bem como os japoneses.

**5. No livro “So Happy to See the Cherry Blossoms” você publicou uma coletânea de *haiku* compostos por vítimas do tsunami que atingiu o Japão em 2011. Poderia contar-nos sobre essa experiência?**

Até o fim de março de 2011, eu estava residindo em Paris. Ao retornar ao Japão, em abril, imediatamente eu e um amigo visitamos as regiões afetadas pelo tsunami nas províncias de Fukushima, Miyagi e Iwate, levando alimentos e livros.

Em um dos abrigos de emergência, encontrei-me com uma criança que compôs o seguinte *haiku*: “Me sinto feliz/ por poder ter visto/ as cerejeiras em flor”. A cidade dela foi atingida pelo tsunami e depois houve um incêndio. Ainda se podia sentir o cheiro de queimado, porém as cerejeiras realmente estavam floridas. Tanto aquela criança quanto as cerejeiras conseguiram escapar do tsunami e do incêndio, e em seguida suas vidas se conectaram. Em

uma primavera tardia na região de Tōhoku, aquelas flores que finalmente desabrocharam devem ter sido ainda mais belas, sendo motivo de maior alegria do que nos anos anteriores. É um poema que expressa a alegria tanto da criança, quanto das cerejeiras, em receber a primavera. A criança é a cerejeira e a cerejeira é a criança.

Muitas outras pessoas vitimadas pelo tsunami também estavam compondo *haiku*. Me encontrei com uma senhora idosa que passou a escrever *haiku* na noite em que sua cidade foi atingida pelo tsunami: sua casa, seus papéis, seus pertences foram todos levados pelo tsunami, por isso ela se esforçava para manter os *haiku* que compunha em sua memória. Foram esses os tipos de *haiku* que reuni e publiquei; senti que não poderia deixar que os poemas dessas pessoas se perdessem.

## 6. O que a experiência acima acrescentou em seus estudos sobre o *haiku*?

Em março de 2012, um ano após o Grande Terremoto do Leste do Japão, publiquei uma matéria em um jornal francês chamado “Le Figaro” em que dizia que “no Japão, o espírito das palavras [*kotodama*] ainda é vivo”. Fui tocada por aqueles *haiku* feitos pelas vítimas; poemas leves e positivos que exaltavam a natureza e senti que as palavras carregam consigo a força da vida.

Desde a antiguidade, é dito que o Japão é o país onde o espírito das palavras é abundante. Ou seja, a força espiritual das palavras pode trazer a felicidade. Por meio da poesia, os deuses se apaziguavam, a morte era lamentada e, assim, veio se construindo a nação japonesa.

Na mais antiga coletânea de poemas do Japão, o *Man'yōshū* (séc. V - séc. VIII) estão reunidos 4.516 poemas, cuja autoria vai desde imperadores até pessoas comuns.

A natureza no Japão sempre foi rígida: vulcões entram em erupção, há terremotos, tsunamis, tufões, deslizamentos de terra... Os japoneses, em meio a essa natureza, vieram levando suas vidas e vencendo diversos desafios, sustentando-se na poesia. Enquanto viviam da pesca ou do trabalho no campo, oravam pela vinda das chuvas, se abalavam pela embriaguez e insegurança das paixões, lamentavam os falecidos, relembavam com saudade seus familiares, temiam pela vinda de tufões e terremotos, suportavam a fome e o frio e, por meio da poesia, purificavam e sublimavam esses seus sentimentos.

Mesmo em uma vida repleta de dificuldades, se fazia presente a poesia, que era como uma pausa para respirar profundamente.

Até então, eu pensava que o *Man'yōshū* era simplesmente uma obra clássica, mas isso não é verdade. Lendo os *haiku* escritos pelas vítimas do Grande Terremoto do Leste do Japão, percebi que os poemas que compomos hoje ainda são uma continuação direta, uma extensão do que existe desde o *Man'yōshū*. Isso para mim foi uma grande e surpreendente descoberta.

## **7. Em um mundo que valoriza cada vez mais a individualidade, como você vê a experiência de escrever sobre sentimentos que ultrapassam o plano individual?**

Eu acredito que as descobertas e emoções individuais são, em última instância, algo pequeno. Um haicaísta que muito admiro, Mori Sumio (1919-2010), diz o seguinte: “Quanto ao mérito da descoberta, o melhor é que seja devolvido à natureza”. Ainda, tomando emprestadas as palavras de Kobayashi Hideo (1902-1983), não se deve compor sobre a “a beleza das flores”, mas sim sobre “uma flor bela”, sem uso de artifícios e floreios artificiais. A tentativa de atribuir mais beleza por meio das palavras é completamente desnecessária. Basta conseguir expressar o próprio sentimento ou emoção por meio daquela bela flor. É preciso condensar, sintetizar, podar e remover todo o excesso. Por fim, aquela única gota de palavras que sobra carrega um espaço vazio [*yohaku*] profundo, que cria uma forte impressão. De nossa parte, apenas precisamos conseguir nos silenciar e transmitir ao leitor a sensação de uma flor bela. Nesse caso, a individualidade não é algo que criamos, mas que surge naturalmente sem que a notemos. A individualidade é importante, mas acredito que devemos buscar o que é universal, aquilo que transcende o indivíduo.

## **8. Como foi sua experiência de leitura dos poemas dos haicaístas brasileiros em julho de 2021?**

Em primeiro lugar, pude perceber a importância da flor do ipê para os brasileiros e o quanto esta flor está enraizada na sua vida cotidiana, trazendo beleza em diversas ocasiões, conferindo alegria, estando próxima nos momentos de tristeza e vivendo junto ao povo brasileiro. Esse foi um ponto que pude captar em todos os poemas que li.

Muitos poemas retratavam-na no cotidiano de maneira despreziosa e, dentre estes, muitos conseguiam revelar através da flor do ipê a atmosfera misteriosa presente na simplicidade do dia a dia, causando uma impressão intensa. Por ‘atmosfera misteriosa’ me refiro, por exemplo, ao sol e às nuvens do Brasil, à agitação da tarde e à tranquilidade das primeiras horas da manhã. Realmente, é uma flor que só poderia florescer em uma terra de pessoas de sentimento caloroso e natureza apaixonada. Fiquei fascinada com as diversas demonstrações dessa aura misteriosa.

Realmente, é uma maneira de compor poesia sobre flores diferente da dos japoneses. Eu acredito que essa diferença precisa ser valorizada. Penso que esse é o verdadeiro deleite de realizar um encontro *online* de poesia em nível mundial.

**9. Em uma palestra *online* proferida aos brasileiros em 2021, você comentou que a poesia seria a solução para diversos problemas do mundo. Poderia explicar melhor esta afirmação?**

Acredito que com a pandemia do coronavírus, nunca antes tantas pessoas pelo mundo pararam ao mesmo tempo para refletir sobre o valor da vida. No período da primeira onda, devido à declaração de estado de emergência por parte das autoridades, os japoneses ficaram do inverno até a primavera sem poder se locomover ou exercer suas atividades.

Ainda assim, com a chegada da primavera, as árvores geraram novos brotos, as flores desabrocharam, os pássaros cantaram e muitas pessoas se emocionaram com o dinamismo da força da vida da natureza.

É dito que, dentre outras razões, a globalização e a destruição do meio ambiente ocasionada pelo pensamento que prioriza o desenvolvimento econômico acima de qualquer outro valor foram as causas da pandemia. No Japão há o aforismo de “satisfazer-se com o suficiente”: a cobiça gera apenas mais cobiça e é incapaz de nos fazer sentir satisfação. Como disse antes, acredito que daqui para frente a cultura do “menos”, da “subtração” manifesta em pensamentos e atos será cada vez mais importante.

No *haiku*, de maneira genérica, existem três princípios fundamentais:

1 - Valorizar a natureza e ter consideração e simpatia pela vida alheia.

2 - Sintetizar, diminuir, subtrair e satisfazer-se com o suficiente.

3 - Atentar-se para o espaço vazio [*yohaku*]. O espaço vazio existe no entorno das palavras; é a verdade que está por detrás do que se expressa.

Estou convicta de que a solução dos diversos problemas atuais do mundo (problemas ambientais, conflitos, discriminação racial, pandemias e outros) pode ter seu primeiro passo nesses princípios fundamentais do *haiku*.

**10. O que você recomendaria a alguém que está começando a escrever *haikai* no Brasil?**

Primeiramente, penso que a pessoa deve respeitar a “forma” [*kata*] do *haiku* e se desafiar em sua capacidade de síntese. Em seguida, deve começar a prestar atenção e voltar seu sentimento às flores próximas, ao canto dos pássaros, aos sons da montanha e dos rios, sentir os aromas carregados pelo vento e conseguir vislumbrar a vida do ser humano que se faz presente em meio a todas essas coisas.

É dito também que o *haiku* é uma saudação, como “olá”, “adeus” e “obrigado”. Assim, deve-se prestar uma saudação à outra vida com a qual cruzamos o caminho, vida que fortuitamente nasceu na mesma época que nós. É um momento em que surgem interação e harmonia.

A flor e o ser humano, os pássaros e o ser humano, as montanhas e os rios... É justamente nesse diálogo que reside o brilho da vida e onde se encontra a essência do *haiku*.

O *haiku* deve ser claro e pleno.

O *haiku* deve ser belo.

Por trás da paisagem deve-se conseguir vislumbrar a vida das pessoas.

Estas eram as convicções do meu pai quanto ao *haiku* e eu penso da mesma forma.

Aguardo ansiosamente pela oportunidade de nos encontrarmos. Muito obrigada.

Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2022.

*Recebido em 02 de junho de 2022*

*Aprovado em 13 de outubro de 2022*